



VII Colóquio Internacional São Cristóvão/SE / Brasil
“Educação e Contemporaneidade” 19 a 21 de setembro de 2013
ISSN 1982-3657



O PROFESSOR, A ESTÉTICA, E SEUS ENTENDIMENTOS NA EDUCAÇÃO

Anthony Fábio Torres Santana[i]

Aldenise Cordeiro Santos[ii]

Eixo: 11. Educação, Sociedade e Práticas Educativas.

Resumo: Este artigo é fruto da discussão de um grupo de estudos, coordenado pelos autores, que está vinculado ao grupo de pesquisa: Educação, Cultura e Subjetividades. Pretende refletir e dissertar sobre o movimento estético do ensinar, percorrendo assim, caminhos a pensar os conceitos de estética e professor, bem como seus entendimentos na educação. Pensando a estética nesse contexto enquanto materialidades que nos compõem, e decompõem em movimentos simultâneos, no estabelecimento das relações cotidianas. E o professor como aquele que aceita conduzir a criação de espaços de convivência. O presente texto tem como aporte metodológico a pesquisa bibliográfica. Percorrer estas possibilidades, especialmente as que formam o professor, é o que pretende este escrito.

Palavras-chaves: Estética; Professor; Educação.

Resumen: Este artículo es el resultado de la discusión de un grupo de estudio, coordinado por los autores, que está vinculada al grupo de investigación: Educación, Cultura y subjetividades. Tiene como objetivo reflexionar y profundizar en el movimiento estético de la enseñanza, recorriendo así, formas de pensar los conceptos de la estética y el maestro, así como su comprensión en la educación. Pensando la estética en este contexto mientras materialidad que componer, y descomponer en movimientos simultáneos, en el establecimiento de las relaciones cotidianas. Y el maestro como alguien que acepta conducir a la creación de espacios de convivencia. Lo presente texto tiene como aporte metodológica la pesquisa bibliográfica. Percorrier estas posibilidades, especialmente las que forman el maestro, es lo que quieres este escrito.

Palabras clave: Estética, Profesor, Educación.

1 – Iniciações...

Pretendemos com este texto, refletir e dissertar sobre o movimento estético do ensinar, percorrendo assim, caminhos a pensar os conceitos de estética e professor, bem como seus entendimentos na educação. Chamamos de movimento estético do ensinar, a ação desenvolvida entre a prática do ensino, e a experiência estética apreendida nessa relação.

Nesse contexto, refletimos a estética enquanto materialidades que nos compõem, e decompõem em movimentos simultâneos, no estabelecimento das relações cotidianas. É o professor como aquele que aceita conduzir a criação de espaços de convivência. Dessa forma, este trabalho vislumbra um olhar acerca das estéticas que estão compondo os movimentos do ser professor, nas relações desses profissionais com seus alunos, na vida.

Vale ressaltar, que a ideia de estética aqui empregada não compõem com os lugares comuns do que possamos achar ou não belo, mas sim, com as expressões artísticas, com a ética, onde a vida possa ser vista através dos acontecimentos, por meio das ações em um estado de constantes *aprendências*, como forma de perceber que a educação é sempre abalos, respiração, transpiração, inspiração, suor, expressões, vozes, dores e principalmente vida.

Assim, a estética docente que estamos experimentando se revela pelas relações de *aprendências e ensinâncias*, através das misturas dos corpos presentes nas tramas tecidas entre professores e alunos, ou seja, nos movimentos dos docentes, quando do desenvolvimento dos processos de ensino-aprendizagem. Essa estética vai se compondo nos atravessamentos, quando da tecitura das experiências resultantes das ações do aprender e do ensinar.

Pensamos ainda a estética docente como um infinito compor-se, uma constante transmutação do ser professor. Tecituras em movimentos de *desfeituuras*, um processo de contínua desconstrução e reconstrução, do docente que por acaso achávamos que tínhamos aprendido a ser nos bancos das universidades.

Não nos esqueçamos de que aprender é tornar-se desigual, acentuação das diferenças que estão a nos percorrer, é perceber-nos indivíduos esteticamente singulares, ainda que dentro dos territórios que aprisionam os saberes. Aprender requer que sejamos não apenas professores, alunos, mas também decifradores de signos, que estejamos atentos às nuances que nos envolvem quando tramamos nossas relações.

Ao falarmos em estética e docência, estamos pensando na produção das subjetividades, nas materialidades que compõe os modos de existência a partir das relações e experimentações com a vida. Assim, as tecituras que vão compondo as linhas da docência se modificam a cada ação que propomos, ou mesmo que nos atinge dentro dessa ampla "conjuntura" chamada educação. São encontros que nos mostram possibilidades para refletirmos sobre nossos pensamentos e ações para com os outros, bem como acerca das ações do pensar exteriores a nós, materialidades estas, também encontradas no professor que estamos a ser.

2 – Linhas acerca do ser professor... pela possibilidade da composição do conceito

Diferente do que muitas pessoas pensavam, e outras ainda continuam pensando, particularmente nunca enxergamos os professores, apenas como aqueles que sabiam algo, e que do alto do pedestal imaginário criado por alguns deles, buscavam somente transmitir determinados conhecimentos aos seus alunos. Na contramão desse pensamento, desde muito cedo passamos a compreender os professores por outro viés, a partir da possibilidade de pensá-los artistas.

Artistas capazes de criar para si não uma identidade, um modelo de docência, mas sim, de produzir

diferenças no infinito percurso de tornar-se professor. Como nos mostra Marcos Villela Pereira (1996):

[...] a professoralidade não é uma identidade que um sujeito constrói ou assume ou incorporamos, de outro modo, é uma diferença que o sujeito produz em si. Vir a ser professor é vir a ser algo que não se vinha sendo, é diferir de si mesmo. E, no caso de ser uma diferença, não é a recorrência a um *mesmo*, a um modelo ou padrão. Por isso, a professoralidade não é, a meu ver, uma identidade: ela é uma diferença produzida no sujeito. E, como diferença, não pode ser um estado estável a que chegaria o sujeito. A professoralidade é um estado em risco de desequilíbrio permanente. Se for um estado estável, estagnado, redundaria numa identidade e o fluxo seria prejudicado. (PEREIRA, 1996, p. 33)

Mas como conceituar o professor Como fazer fluir as palavras que possam juntas dizer o que é ser professor Quem é o professor O que pode um professor[iii] Acontece que este é um conceito o qual possivelmente as palavras não conseguem, nem dariam conta. Penso que sempre faltarão termos, ou mesmo expressões que possam mostrar algo que ainda ficou por ser dito em relação a ser professor. Como nos diz Deleuze e Guattari (1992):

Os conceitos não são necessariamente formas, achados ou produtos [...] o conceito deve ser criado que ele remete ao filósofo como àquele que o tem em potência, ou que tem sua potência e sua competência. Não se pode objetar que a criação se diz antes do sensível e das artes, já que a arte faz existir entidades espirituais, e já que os conceitos filosóficos são também *sensibilia*. [...] os conceitos não nos esperam totalmente feitos, como corpos celestes. Não há céu para os conceitos. Eles devem ser inventados, fabricados, ou antes, criados, e não seriam nada sem a assinatura daqueles que os criam. (DELEUZE & GUATTARI, 1992, p. 13)

Sobre o conceito de professor, quem possa ser, e o que pode esse "ser" professor, vejamos algumas reflexões do Humberto Maturana:

Alguma outra pergunta

Sim, Professor. Que é um professor Ou, quem é um professor

Humm (pausa) (Risos)

Professor, Mestre. E, portanto, está aqui: ensinar. Creio que aqui aparece este conceito.

O que é ensinar Eu lhes ensinei a Biologia do Conhecer Sim, se alguém abre a porta desta sala... (desloca-se até a porta, simula ouvir alguém que bate à porta e, então, se desculpa, e diz a outro alguém...) "Nesta sala está o Professor Humberto Maturana ensinando Biologia do Conhecer".

Eu lhes ensinei a Biologia do Conhecer Em um sentido, com relação à responsabilidade perante a Faculdade, eu lhes ensinei a Biologia do Conhecer. (Risos)

Mas o que fizemos nós ao longo deste semestre

Desencadear mudanças estruturais.

Desencadear mudanças estruturais, desencadear perturbações. E como fizemos isso

Em coordenações de coordenações de ações.

Em coordenações de coordenações de ações. Ou, seja: vivendo juntos. Claro, uma vez por semana, viver juntos uma hora, uma hora e meia, duas horas, ou, alguns estudantes, que permaneceram comigo mais horas... Isso era viver juntos. Vocês podem dizer: "Sim, mas eu estava sentado escutando". Isso se estavam verdadeiramente escutando, como espero. (Risos)

Estavam sendo tocados, alegrados, entristecidos, enraivecidos... Quer dizer, se passaram todas as coisas do viver cotidiano. Mexeram com as ideias, rejeitaram algumas. Saíram daqui conversando isto e mais aquilo... "Estou fazendo um trabalho..." Estavam imersos na pergunta: "Como prosseguir de acordo com o que lhes ia passando, vivendo juntos, comigo, em um espaço que se ia criando comigo."

Então, qual foi a minha tarefa Criar um espaço de convivência. Isto é ensinar. Bem, eu ensinei a vocês. E vocês, ensinaram a mim Sim[iv].

Recentemente tivemos a grata oportunidade de ler esse texto do professor Humberto, que nos põem reflexivos acerca das ações de estar a ser professor. Chama-nos a atenção quando ele pergunta aos seus alunos: "mas o que fizemos nós ao longo deste semestre".

Penso que dentre as possibilidades do ser professor, a sua atuação em sala de aula, mostra-se na maioria das vezes, como movimentos potentes e potencializantes, ao passo que permite que os alunos tenham contato e experimentem a construção de novos conhecimentos, apresentando ainda a esses, outras formas de acioná-los. A questão que aqui está imbuída é a da possível afecção de diferentes vidas que o professor tem durante a sua prática de ensino. Esta, comumente produz nomadismos no pensamento das pessoas, alunos, que por sua vez também já são professores.

O Maturana segue nos falando sobre como são realizadas tais mudanças, e assim, nos chama para vivermos juntos. São experiências... Composições de encontros em sala de aula. Como ensinar se não há convite para experimentações em conjunto Dessa maneira, o embasamento para as mudanças do pensar, e conseqüentemente do ser aluno e professor, também passa pelas desconstruções, pelos experimentos do cotidiano, na perspectiva da composição de novos conhecimentos. Entendendo por composição como nos indica Feldens (1999):

A composição tem caráter de mistura. Ao compor, as partes misturadas mudam e o produto não é único. Existe uma potência de mudança no produto; a composição fica em movimento, agindo. As partes e o produto possuem movimentos independentes, portanto, tridimensionam as ações, colocam a composição em velocidade, em fluxo, e o produto, o composto, em "potência de agir". (p. 39)

Perpassando tais ações encontramos o pulsar dos sentimentos que nos acompanham às vezes alegres, por outras tristes, revoltosos, nunca saberemos de antemão. A nós caberá sempre a coragem de percorrer os caminhos que através dos nossos alunos também nos chegam.

Assim, o professor é responsável pela criação de espaços de convivência, o que para o Humberto Maturana mostra-se como sinônimo de ensino. A criação desses espaços é vital para o transitar de múltiplas

opiniões, onde as diferenças possam dialogar harmoniosamente na construção de caminhos ainda não percorridos. Possivelmente o professor apresente-se ainda como encorajador dentro do processo de condução dos alunos até a aprendizagem, já que por vezes “foge” a coragem do pensar, e agir sozinho a esses. Não nos esqueçamos de que igualmente, nessa “fuga”, o processo de ensino se constrói em via mútua. Nenhum professor irá apenas ensinar em toda uma aula, de forma que seus alunos não irão apenas aprender na mesma, são diálogos, conversas a tecerem lugares desconhecidos, rotas a serem desbravadas.

Uma aula é algo que é muito preparado. Parece muito com outras atividades. Se você quer 5 minutos, 10 minutos de inspiração, tem de fazer uma longa preparação [...]. Eu me preparava muito para ter esses momentos de inspiração. Com o passar do tempo, percebi que precisava de uma preparação crescentemente maior para obter uma inspiração cada vez menor[v]. (Abecedário de Gilles Deleuze, Letra P de Professor)

Estar sempre abertos a acolher as vozes, as falas, os diferentes espaços de convivências criados, também através das ações dos nossos alunos, dessa forma a construção mútua do conhecimento se fortalece, são tecituras do que os ecos dos encontros estão a nos dizer, e assim, igualmente a nos ensinar.

Ensinamo-nos mutuamente. “Ah, mas acontece que eu tinha a responsabilidade do curso, e ia guiando o que acontecia”. De certa forma, sim, de certa forma, não. De certa forma, sim, porque há certas coisas que eu entendo da responsabilidade e do espaço no qual me movo nesta convivência, e tinha uma certa orientação, um fio condutor, um certo propósito. Mas vocês, com suas perguntas, foram empurrando esta coisa para lá, e para cá, e foram criando algo que foi se configurando como nosso espaço de convivência.

E o maravilhoso de tudo isso é que vocês aceitaram que eu me aplicasse em criar um espaço de convivência com vocês. Vocês se dão conta do significado disso Foi exatamente igual ao que ocorreu quando vocês chegaram, como crianças, ao jardim de infância, e estavam tristes, emburrados, a Mamãe se foi, estão chorando, “Ahhh, eu quero minha mãe”, e chega à professora, e oferece a mão e vocês a recusam, mas ela insiste, e, então, vocês pegam sua mão. E o que se passa quando a criança pega na mão da professora Aceita um espaço de convivência.

Com vocês se passou a mesma coisa. Em algum momento, aceitaram minha mão. E, no momento em que aceitaram minha mão, passamos a ser co-ensinantes. Passamos a participar juntos neste espaço de convivência. E nos transformamos, em congruência... De maneiras diferentes, porque, claro, temos vidas diferentes, temos diferentes espaços de perguntas, temos experiências distintas. Mas nos transformamos juntos, e agora podemos ter conversas que antes não podíamos.

E quem é o professor Alguém que se aceita como guia na criação deste espaço de convivência. No momento em que eu digo a vocês: “Perguntem”, e aceito que vocês me guiem com suas perguntas, eu estou aceitando vocês como professores, no sentido de que vocês me estão mostrando espaços de reflexão onde eu devo ir.

Assim, o professor, ou professora, é uma pessoa que deseja esta responsabilidade de criar um espaço de convivência, este domínio de aceitação

recíproca que se configura no momento em que surge o professor em relação com seus alunos, e se produz uma dinâmica na qual vão mudando juntos[vi].

Eis que Humberto Maturana nos traz um possível conceito de professor, como sendo alguém que aceita conduzir a criação de espaços de convivência. Assim, faz-se fundamental que não nos esqueçamos que onde há espaço há vidas, em que se expressam sentimentos, opiniões, e conseqüentemente, ensinamentos e aprendizados.

Vejamos agora outro trecho, do que o Deleuze nos fala em seu Abecedário (1988) ainda na letra P de professor:

É preciso estar totalmente impregnado do assunto e amar o assunto do qual falamos. Isso não acontece sozinho. É preciso ensaiar, preparar. É preciso ensaiar na própria cabeça, encontrar o ponto em que... É muito divertido, é preciso encontrar [...] É como uma porta que não conseguimos atravessar em qualquer posição[vii]. (Abecedário de Gilles Deleuze, Letra P de Professor)

Pensamos que o professor precisa estar impregnado de vida, para assim compor os movimentos estéticos do ensinar. Quando o Deleuze nos diz que é preciso ensaiar, pensemos em "tecer" conceitos, senti-los, utilizá-los em nosso cotidiano, pensemos em lançar convites aos nossos alunos e juntos irmos todos ao encontro deles, talvez esta ação propicie a nós, a sensação de estarmos vivos.

Tal ação implica em reconhecermos as multiplicidades que estão em sala de aula. Salas de aula essas, que podem nem sempre ser aquelas clássicas com cadeiras enfileiradas, e um birô, ou tablado posicionado lá na frente. São os encontros das multiplicidades e das singularidades, que acentuam as diferenças potencializantes da vida, que nos fazem conhecer outros caminhos, e nos convidam a percorrê-los.

3 – Estética... a pensar possibilidades e relações

Quando pensamos em estética, buscamos deslocar-nos do lugar comum que é o caminho curto e previsível do pensamento acerca de um estilo, ou modelo com características mensuráveis e previsíveis. Algo posto, definido e acabado. Seguindo essa linha do pensar procuramos ainda nos desapegar do tradicional dualismo que insiste em nos perseguir e partir ao meio, quando da atribuição do conceito de belo ou feio ao que nos propomos refletir.

Possivelmente, um dos primeiros passos que precisamos dar na busca por entendimentos sobre a estética, seja não relacioná-la com perspectivas abstratas. É imprescindível entender estética como materialidades que nos compõem, e decompõem em movimentos simultâneos, no estabelecimento das relações cotidianas. "O importante é não encarar o fenômeno estético de modo abstrato e distante". (PERISSÉ, 2009, p. 45)

A estética que estamos pensando é antes um modo, a composição do que nos tornamos, quando das ações que constituímos perante a vida. São dissonâncias a nos compor, heterogeneidades que nos põem em movimentos de desconstruções e construções acerca do que somos no agora, no presente que acabou de passar.

Dessa forma, ao nos propormos pensar o movimento estético do ensinar, sentimos a necessidade de entender quais elementos estão transpassando e compondo a docência cotidianamente. Mais ainda, se faz importante, percorrer junto os seus movimentos, perceber quais as linhas e territórios estão produzindo as suas subjetividades, possibilitando as transformações que vivemos no percurso que é tornar-se professor.

Um processo de subjetivação, isto é, uma produção de modos de existência, não se pode confundir com um sujeito, a menos que este seja destituído de toda a interioridade, de toda a identidade. A subjetivação nem sequer tem que ver com a <>: é uma individuação, particular ou coletiva, que caracteriza um acontecimento (uma hora do dia, um rio, uma aragem, uma vida...). É um modo intensivo e não um sujeito pessoal. É uma dimensão específica sem a qual não se poderia ir além do saber nem resistir ao poder. (DELEUZE, 1996, p. 77)

Em sua tese de doutoramento, o professor Marcos Vilella Pereira nos fala sobre dois possíveis tipos de estéticas as quais nos convida a pensar, chamadas por ele como macro e microestética, vejamos:

Há uma Estética com E maiúsculo que nasce no século XVIII, como campo epistemológico independente, como disciplina. A ela vou me referir como macroestética. Há outra estética que se refere ao modo como cada indivíduo se organiza enquanto subjetividade. A ela vou me referir como microestética. Macro e micro [...] não são designações de quantidade ou extensão, mas se referem à natureza e à ordem de existencialização. Macro é a ordem do institucional e do disciplinar, campo de determinações molares da existência; micro é a ordem da processualidade, dos campos interativos de forças vivas da exterioridade atravessando um sujeito-em-prática (cf. Guattari, 1987 e Deleuze e Guattari, 1976). Essa distinção é fundamental na medida em que a primeira é resultante de certo modo de subjetivação, o burguês, que consolidou definitivamente a representação como expediente formativo da existência e disseminou a prática paradigmática e disciplinar como modelo de existencialização. A segunda, por sua vez, é ela mesma, o exercício de produção de subjetividade. A macroestética é a institucionalização de formas atualizadas de viver a processualidade de estados radicais de ser (nomeados como o belo, a beleza, a criatividade, enfim). A microestética é a prática de arranjo e orquestração do coletivo de forças vivas que atravessam uma existência singular. Assim, a primeira é produto de uma subjetividade que quer se instituir como modelo homogeneizante, enquanto que a segunda é processo de produção de subjetividades. (PEREIRA, 1996, p. 81-82)

É da segunda estética apresentada pelo autor Marcos Vilella que estamos nos ocupando, ou seja, da microestética, entendendo esta enquanto o processo de produção de subjetividades do indivíduo professor.

A microestética [...] se refere ao modo como cada indivíduo se põe no processo de produção da subjetividade, ebulindo em campos interativos de forças da exterioridade caóide que atravessam a ordem constituída do vivido. Ela diz respeito à prática de arranjo e orquestração do feixe de forças vivas que atravessam uma existência singular, provocando uma desestabilização completa da figura até então vigente, e gerando uma forma mutante em direção a um estado diferente de ser. A microestética é da ordem do vôo de Ícaro, de Ariadne sem o fio, da caixa de Pandora quase sendo aberta. A microestética tem a natureza do risco, do investimento no improvável, da aposta no irreversível, na tragédia. Ao tratar da microestética, trato da construção de si, da produção de estados de singularidade por ação desejante, trato da diferença. Falo do sujeito que deseja e cujo desejo nada mais é do que a fervura do poder tornar-se diferente daquilo que tem sido, do querer vir a ser. A microestética é o universo

da composição de si. Ao ser atravessado por um vetor de força disruptora, o sujeito é compelido à mutação, ou seja, é impulsionado a realizar um movimento de desmanchamento de sua atual figura e iniciar a produção de outra. (PEREIRA, 1996, p. 127)

Antes de ter contato com o pensamento do Deleuze, do Foucault, do Marcos Villela Pereira, éramos a quase todo tempo tomado pela seguinte pergunta: mas como criar para si uma estética Não entendendo que não trata de criá-la, mas sim, de perceber quais as linhas que estão a compô-la através das experiências tecidas com os outros, consigo mesmo e com a vida.

Possivelmente, aquela nossa maneira de pensar a estética, se deva ao entrelaçamento das fronteiras entre a vida e a arte na contemporaneidade. Somos cotidianamente bombardeados por elementos inerentes ao campo artístico, são criações que por vezes nos levam a refletir acerca da sociedade a qual estamos inseridos, das tramas que temos tecido, mas que também são responsáveis pela propagação de uma acentuada tendência de homogeneização entre as relações, produzindo portanto modelos de existência, não contribuindo dessa forma, para o surgimento de outros possíveis estilos de vida, que se mostrem criadores a partir das relações entre a vida e a arte.

[...] a dissolução da arte na vida não tornou nossa existência propriamente criadora. A estetização da existência na contemporaneidade parece não significar um incremento da invenção de formas de vida. De fato, a disseminação da arte na vida contrasta com uma tendência de homogeneização das relações entre as subjetividades, de suas formas de comunicação, de suas formas de entretenimento, de suas formas de circulação de informação e cultura. A mescla arte e vida não trouxe como efeitos a criação de novas formas de perceber e pensar [...]. (FARINA, 2009, p. 5)

Portanto, buscamos refletir a estética, a partir das nossas próprias experiências, daquelas que compusemos através das relações constituídas com outras pessoas... Com as obras de arte, com a música, com a literatura, com os nossos professores, com a vida. Trazemos conosco possibilidades e marcas, um pouco de cada corpo que nos afectou. Para tanto, não podemos pensar em unidade, essência, mas sim, em imanência, campo fértil compondo movimentos, sendo sensíveis ao ponto de quando tocados compor-nos outros. Dessa forma, diferimos do que estávamos a ser, não somos apenas nós, nem só os corpos que nos afectaram, porém, outros. "Entendemos que experimentada é a pessoa que, justamente por ter tido as experiências que teve, está aberta a novas e inéditas experiências. Experimentado não é aquele que sabe, mas, ao contrário, aquele que está aberto ao porvir, o que ainda não sabe". (PEREIRA, 2010, p. 110)

Pensamos ser imprescindível estarmos, sempre que possível, abertos à composições de processos experimentais, experimentar é tecer encontros, precisamos reconhecermo-nos enquanto indivíduos transitórios. Mudamos constantemente... Formas de pensar, ações e mudar é tornar-se outro.

Queremos nesse momento chamar a atenção, para as dimensões que estão a compor e a perpassar a estética. Compondo assim também possíveis modos de vida.

São, assim, apresentadas três dimensões estéticas, três maneiras de ser, inseparáveis: se ativar, se engajar e se expor. A primeira delas consiste em colocar-se em movimento dentro de um campo específico (disciplinar), que nos diz (porque é um campo de referência) como ver, como fazer, isto é, prescreve uma forma de agir coerente com seus princípios ordenadores. Ativar-se é, portanto, operar dentro de um território familiar, que faz sentido para mim, e é

aprender esse sentido ao mesmo tempo ativamente (fazer) e pateticamente (suportar). É sempre o nascimento de um sentido novo que me dá condições de agir sobre as coisas e sobre os símbolos. A segunda diz respeito ao envolvimento do outro (e dos outros) em nossa ativação. Considerando que as práticas humanas são coletivas, nossas ações necessariamente dizem respeito aos outros, isto é, em prática, estamos sempre afetando o outro. O engajamento ético tem por princípio a recusa de ter "controle" sobre o outro à medida que se trata de um ser humano e não de uma coisa. Ao estarmos ativados, nossas atitudes são interferências em outras formações existenciais e, dessa forma, estamos constantemente expostos e expondo o outro ao risco da desterritorialização impelida por um vetor de natureza ética. A terceira, a exposição, se refere à escolha entre permanecer fixado pela regulação de um território e correr o risco da inovação. Toda desterritorialização, criando um novo território, "faz acontecimento" e produz um presente novo [...]. Esta dimensão estética diz respeito à natureza mesma da arte enquanto criação e conseqüente risco de exposição radical; trabalha com a ordem da irreversibilidade e da posição radical do novo. (PEREIRA, 1996, p. 124-125)

Deste modo, na composição de si, não mensuramos, mas a estética que está nos atravessando compõe-se também por três maneiras de ser inseparáveis, como nos mostrou Villela, colocando-se em movimento num campo disciplinar já conhecido; tecendo relações com "tantos" outros; e no limiar entre a escolha de permanecer fixado pela regulação de um território e o correr o risco da inovação.

Nessa perspectiva, pensamos ser importante refletir acerca da possibilidade de uma vida de autoria de si. Pensar sua própria autoria, requer que estejamos cientes das ações e forças que estão de alguma forma nos afetando. Esta ação sugere ainda, que nós, enquanto indivíduos comprometidos com a nossa existência, possamos intervir na composição estética do que estamos a nos tornar. Essa tomada de decisão implica possivelmente em assumirmos os riscos de nos compor outros, ou na reafirmação de modelos que já estão a fazer de nós o que somos.

Pensar na vida de autoria de si mesmo é, portanto, trabalhar com dispositivos de reconhecimento dos fluxos de forças e interferir na composição de si, promovendo o arranjo e a orquestração de vozes polifônicas, de forças múltiplas e decidindo na produção da nova figura. Decisão essa que tanto pode passar pela retificação deliberada de modelos, escolha de permanência, quanto pelo assumir os riscos de engendrar novas composições, escolha de inovação. (PEREIRA, 1996, p. 130)

Vale ressaltar que a vida de autoria de si, implica também em uma atitude estética, no comprometimento e no cuidado quando das tecituras das nossas relações. Esse possível modo nada tem a ver com esquemas ou conceitos pré-definidos, mas de outra maneira com os encontros da vida. Antes de pensarmos na atitude, devemos estar no mundo, atirando-se à vida.

A atitude estética, então, diz respeito à abertura que o sujeito tem ante o mundo. E essa atitude não se caracteriza nem por uma posição passiva nem ativa, diante do objeto ou acontecimento, mas a uma disponibilidade que o sujeito tem. Não se trata nem de procurar submeter o objeto ou o acontecimento a um certo esquema explicativo que poderia produzir um conceito, um juízo, uma definição ou uma ideia nem submeter-se a uma suposta essência ou fundamento que estivesse contida no objeto ou no acontecimento. Somos seres de encontros [...]

Podemos ter experiências estéticas sempre que adotamos uma atitude estética ante de qualquer objetivo da consciência. (PEREIRA, 2010, p. 108)

A autora Nadja Hermann (2010), ao referir-se à criação de si, nos fala dessa construção enquanto uma: “tarefa ética e estética, envolvendo o sensível e o racional, o singular e o universal, enfatizando que a relação entre os domínios tão separados não é de oposição ou exclusão, mas de complementação”. (p.22). Levando-nos a pensar a estética como um possível espaço de refúgio à pluralidade.

A estética aparece associada à possibilidade de reter particularidades que são irreduzíveis ao pensamento racional, oferecendo refúgio à pluralidade, à diferença, ao estranho e ao inovador, influenciando na criação de novos modos de vida e de novas orientações para o agir. Tal situação provoca o aparecimento de éticas estetizadas, ou seja, daquelas éticas que problematizam o agir moral a partir de considerações estéticas, as quais exercem determinação sobre as escolhas de nossas vidas. A emergência dessas éticas ocorre justamente quando as éticas tradicionais – fundamentadas na razão – entram em declínio, inaugurando vários modos de relação entre ética e estética. (HERMANN, 2010, p.67)

Foi pensando na possibilidade de outro olhar acerca da tecitura que está a compor a docência, que resolvemos nos instrumentalizar com os conceitos de professor, e estética. Procurando dessa forma, nos colocarmos atentos e refletir sobre um tornar-se docente que não acaba nunca, compondo assim, no percorrer dessas linhas, encontros possivelmente não mensuráveis, já que, existem sempre ressonâncias de autores lidos, de pessoas com as quais compusemos encontros, proporcionando desse modo, a abertura para o reconhecimento da alteridade nessas relações, produzindo assim, sentido ao que nos chega de fora, através do outro.

4 – Por um possível final...

A composição estética da docência apresenta-se enquanto um espaço de possibilidades. Não podemos mensurar o início nem sequer o final do processo que é tornar-se professor de qualquer que seja a pessoa, como também não podemos ousar prever com quem, e quais encontros serão tecidos no percorrer dessa mesma trajetória.

Compor-se professor é igualmente encontrar-se em um permanente estado de *desfeitura* do docente que somos, tornando-se nessa perspectiva outro a partir das situações encontradas na constituição das relações estéticas com os alunos, com as escolas, com a vida. Possivelmente são os acontecimentos presentes nas aulas, as misturas tecidas nesses momentos, que nos constituem professores “desse ou daquele modo”, mostrando dessa maneira os movimentos feitos por nós quando em contato com vozes e vidas desconhecidas a docência que estamos a exercer.

No exercício da docência que nos constitui professor, constantemente estamos nos tornando “outros”, a partir do contato com vidas e estéticas desconhecidas a nós, que também nos chegam através das salas de aula, passando dessa maneira a nos compor de alguma forma.

O professor muda e vai construindo a sua estética docente não apenas em contato com livros, autores, pensamentos diversificados, mas igualmente, na mistura presente nos ambientes escolares, nos pátios, nos corredores, nas salas, nas secretarias, nos refeitórios, ao ser afectado, atravessado por linhas e subjetividades, estrangeiras as que estavam lhe compondo.

Ser professor é ainda percorrer os movimentos e as linhas da vida daqueles que estão a tecer conosco outros caminhos e possibilidades. Assim nos misturamos, passamos também a experimentar de alguma forma situações diversas, no amplo contexto social o qual fazemos parte.

Nessa perspectiva tornar-se professor requer que percorramos infinitas trajetórias, onde a cada passo, em contato com experimentações alheias às já vividas por nós, vislumbremos as possibilidades de outros encontros e mudanças aos elementos que estão a fazer de nós os docentes que somos.

Portanto, é importante entendermos o quanto, a partir das experiências e aprendizados dos outros, nos fazemos diferentes, nos desconstruímos, entramos em ações de tecituras em estado de *desfeitu*ras, assim como anunciamos na parte inicial do nosso escrito, tecemos com o que era esteticamente desconhecido em nós, desfazendo desse modo, impressões que embasam, por exemplo, as práticas de ensino que desenvolvemos cotidianamente.

Esses “deslocamentos” possibilitam a existência da transmutação do ser docente, a partir do contato com experimentações alheias aos seus círculos de convivência, através de ensinamentos e aprendizados que vão se constituindo, nos espaços de diálogos gerados pelas relações tecidas não apenas entre professores e alunos. Compor-se incessantemente professor, requer não somente atenção aos elementos estéticos, mas também o cuidado ético na composição de si.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, Gilles. **Abecedário de Gilles Deleuze.** Disponível em: < <http://pt.scribd.com/doc/7134415/o-Abecedario-de-Gilles-Deleuze-Transcricao-completa> >. Acesso em: 05 mar.2011.

----FARINA, Cynthia. Modulações do sensível. Políticas da experiência estética atual. **Revista de Estudos Transdisciplinares RET**, v. 1, p. 127-148, 2009.

_____. **Arte e formação: uma cartografia da experiência estética atual.** Disponível em: . Acesso em: 15 de ago. 2011.

FELDENS, Dinamara Garcia. **Luízas, Rosas, Bias e Joanas: subjetividades femininas na Vila Santo Antônio** (Dissertação de Mestrado). – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 1999.

KOHAN, Walter. Omar. O que pode um professor **Revista Educação** – Dossiê Deleuze pensa a educação. Ano II. Edição Especial. São Paulo: Segmento, 2007. p. 48-57.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**. N. 19, p. 20-28, 2002.

MATURANA, Humberto. **O que é ensinar Quem é um professor** Transcrito do trecho final da aula de encerramento de Humberto Maturana no curso de Biología Del Conocer, Facultad de Ciencias, Universidad de Chile, Santiago, em 27/07/90. Gravado por Cristina Magro; transcrito por Nelson Vaz. Disponível em: < www.biologiadoamar.com.br/oqueensinar.doc >. Acesso em: 02 mar. 2011.

PEREIRA, Marcos Villela. **Estética da professoralidade: um estudo interdisciplinar sobre a subjetividade do professor.** São Paulo: PUC/SP/PPG Educação – Supervisão e Currículo, 1996. (Tese de Doutorado).

_____. **O limiar da experiência estética: contribuições para o percurso da professoralização.** In: VII Seminário do Ensino de Arte do Estado de Goiás: Desafios e Possibilidades Contemporâneas e CONFAEB - 20 anos, 2010, Goiânia. Anais do VII Seminário do Ensino de Arte do Estado de Goiás: Desafios e Possibilidades Contemporâneas e CONFAEB - 20 anos, 2010. p. 105-116.

PERISSÉ, Gabriel. **Estética & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. (Coleção Temas & Educação)

WELSCH, Wolfgang. Estetização e estetização profunda ou: a respeito da atualidade do estético nos dias de hoje. In: **Porto Arte**. Porto Alegre, v.6, n.9, mai. 1995.

NOTAS

[i] Doutorando em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC/RS. É membro do Grupo de Pesquisas Educação, Cultura e Subjetividades (GPECS/CNPq/UNIT). E sócio da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC. E-mail: afabiotorres@hotmail.com

[ii] Mestre em Educação pela Universidade Tiradentes – UNIT. É membro do Grupo de Pesquisas Educação, Cultura e Subjetividades (GPECS/CNPq/UNIT). É sócia da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd). E-mail: aldenisecs@yahoo.com.br

[iii] Pergunta suscitada a partir da leitura do seguinte texto: KOHAN, Walter Omar. O que pode um professor Revista Educação – Dossiê Deleuze pensa a educação. Ano II. Edição Especial. São Paulo: Segmento, 2007. p. 48-57.

[iv] Transcrito do trecho final da aula de encerramento de Humberto Maturana no curso de Biología Del Conocer, Facultad de Ciencias, Universidad de Chile, Santiago, em 27/07/90. Gravado por Cristina Magro, transcrito por Nelson Vaz. Disponível em: < www.biologiadoamar.com.br/oqueeensinar.doc >. Acesso em: 02 mar. 2013.

[v] DELEUZE, Gilles. Abecedário de Gilles Deleuze. Disponível em: < <http://pt.scribd.com/doc/7134415/o-Abecedario-de-Gilles-Deleuze-Transcricao-completa> >. Acesso em: 05 mar.2011.

[vi] Transcrito do trecho final da aula de encerramento de Humberto Maturana no curso de Biología Del Conocer, Facultad de Ciencias, Universidad de Chile, Santiago, em 27/07/90. Gravado por Cristina Magro, transcrito por Nelson Vaz. Disponível em: < www.biologiadoamar.com.br/oqueeensinar.doc >. Acesso em: 02 mar. 2011.

[vii] DELEUZE, Gilles. Abecedário de Gilles Deleuze. Disponível em: < <http://pt.scribd.com/doc/7134415/o-Abecedario-de-Gilles-Deleuze-Transcricao-completa> >. Acesso em: 05 mar.2011.